

Mostra celebra o diretor português Rodrigo Areias



PÁGINA 4

A íntima relação do cinema com Clarice Lispector



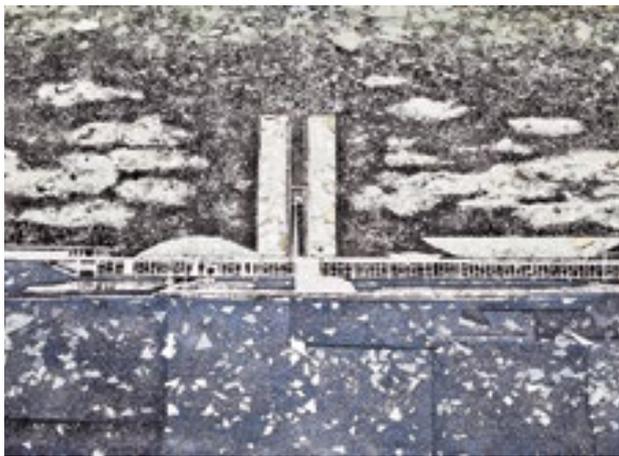
PÁGINA 5

Maquiadora é sensação na web com rostos famosos



PÁGINA 8

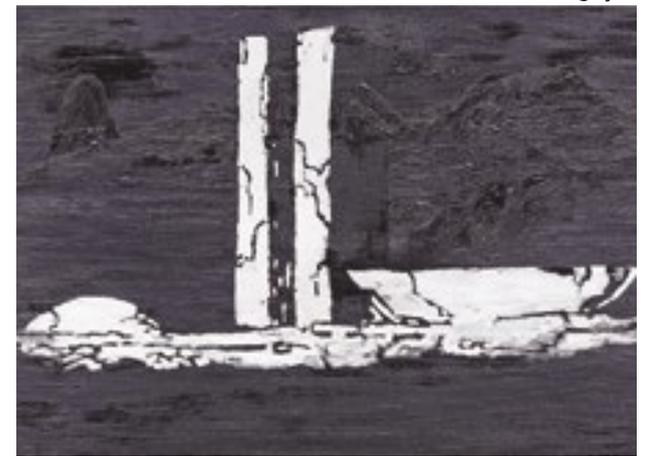
2º CADERNO



VIK Muniz - 8 de Janeiro de 2023



Fernando Lindote - Brasília tanque



Fernando Lindote - Brasília, 2013-2016

Divulgação

Brasília, mostra a tua arte

Mostra será aberta nesta sexta-feira (12) com obras de mais de 80 artistas e suas visões da capital federal

A FGV Arte, espaço experimental e de pesquisa artística da Fundação Getúlio Vargas, inaugura a exposição "Brasília, a Arte da Democracia, sob curadoria de Paulo Herkenhoff, nesta sexta-feira (12), a partir das 18h.

Durante os últimos quatro anos, Herkenhoff levantou um material tão extenso que precisou dividir em etapas. A de Brasília, a arte da democracia reúne artistas das cinco regiões do país, que recorrem a uma vasta diversidade de técnicas e modos de vivenciar a arte, "como 'exercício experimental da liberdade', conforme o aforismo de Mário

Pedrosa, considerado o maior crítico de arte de todos os tempos", lembra o curador.

São 180 itens de 80 artistas, incluindo documentos, como o diploma de Candango, conferido aos operários, que levantaram a nova cidade, por Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil, de 1955 a 1961, responsável pela construção



Sergio Adriano - Zumbi

da nova capital e a transferência do poder do Rio para o planalto central; o croqui do plano piloto assinado por Lúcio Costa e o manuscrito de Oscar Niemeyer sobre o monumento JK.

"A conceituação desta exposição perfaz um arco histórico, desde a criação da cidade até os atuais movimentos em defesa da democracia e

da liberdade. Se Brasília é uma epopeia notável no plano internacional, sua história da cultura se desdobra, ao longo de seis décadas, por brasileiros e por brasileiros de todos os recantos", descreve o curador.

Em exibição, trabalhos de artistas contemporâneos como Cildo Meireles, Vik Muniz, Rosângela Rennó, Anna Maria Maiolino, Carlos Zílio, Jonathas de Andrade, Daiara Tukano, Adriana Cariu, Xadalu, Pedro Motta, Bené Fonteles, Siron Franco; fotos de Evandro Teixeira, Milton Guran, Leonardo Finotti, Orlando Brito, Ricardo Stuckert, Joaquim Paiva; livros de Elio Gaspari, Nicolas Behr e Raúl Antelo (sobre Maria Martins e Duchamp); mobiliário de Oscar Niemeyer, Sérgio Rodrigues, Lina Bo Bardi, Bernardo Figueiredo e Zanine Caldas; obras de consagrados como Maria Martins, Marcel Duchamp, Guignard, Mary Vieira, Ceschiatti e Rubem Valentim; uma foto-instalação, com 42 imagens geradas por IA, de Christus Nóbrega, que reimagina utopicamente os personagens e o processo de edificação da capital federal.

Continua na página seguinte



Divulgação

Evandro Prado - Série Discordância

Resistência fez da cidade a capital moral do país



Coleção MASP

Luis Humberto - Palacio do Planalto 1979

O curador Paulo Herkenhoff analisa a capital federal sob o prisma político-temporal. “Brasília teve um longo batismo de fogo contra o autoritarismo, golpes e tentativas de abolição do Estado de direito. Com a resistência aos ataques recentes à sede dos Três Poderes, a cidade conquistou seu título de capital republicana, democrática, enfim, agora também a capital moral do Brasil e sua voz luminosa é a Constituição cidadã de 1988”, destaca.

Kerkenhoff explica que com “Brasília, a Arte da Democracia”, a FGV Arte “fixa seu padrão inovador de abordar uma agenda acadêmica de reflexão profunda, através de exposições, publicações, simpósios, cursos e um programa de ação mediadora junto a um público muito diverso”.

A exposição presta homenagem a Vera Brant (1927–2014). Mineira de Diamantina, a mesma cidade de Juscelino, mudou-se para Brasília em 1960 e nunca mais saiu de lá. Era confidente de JK, ami-



Divulgação

Christus Nobrega - Vera Brant (imagem gerada por IA)

Gabriela Biló/Folhapress



Votação do Marco Temporal no STF, na foto (centro) a criança Dhombré Krenak

Divulgação



Bruno Faria - Natureza morta com laranjas

ga de políticos, diplomatas e artistas. Ajudou Darcy Ribeiro a fundar a Universidade de Brasília, trocava cartas com Carlos Drummond de Andrade, reunidas em um dos seus vários livros publicados. Perdeu seu cargo público durante a ditadura militar de 1964, e se tornou empresária do mercado imobiliário.

“Ela foi o primeiro e generoso periscópio para enxergar Brasília como uma rede extratemporal e extraterritorial”, conta Herkenhoff. Vera teceu Brasília, unindo JK, Niemeyer, Athos Bulcão, Darcy Ribeiro, Wladimir Murtinho, UnB, Gilmar Mendes, Zanine Caldas, Rubem Valentim e Galeno.

A mobilidade de Vera Brant por campos de ação tão variados guiou o grupo curatorial a perceber que Brasília, além do campo predominantemente masculino do poder, é uma cidade feminina. A exposição inclui o grupo de mulheres escultoras de Brasília – Maria Martins, Mary Vieira, Marianne Perretti, as ceramistas Karajá, até o núcleo de artesãs e escultoras de Planaltina.

Radicado na capital federal desde a adolescência, o poeta matogrossense Nicolas Behr (presente nesta coletiva), escreveu em seu livro “Braxília” (Ed. Fósforo) que “Brasília precisa da arte para se desvincular do poder e, finalmente, virar Braxília”.

SERVIÇO

BRASÍLIA, A ARTE DA DEMOCRACIA

FGV Arte (Praia de Botafogo, 190)
De 12/6 a 14/7, de terça a sexta (10 às 20h), sábados, domingos e feriados (10h às 18h)
Entrada franca

Retrato da diversidade sonora da América Latina

Selo criado por neta de Violeta Parra celebra riquezas musicais e poéticas do continente

O selo Cantores del Mundo, liderado pelo cantor, compositor, produtor e pesquisador musical Arthus Fochi, lança sua primeira coletânea “Cantos Del Mundo #01”. O lançamento marca o início da celebração de uma década de imersão nas riquezas musicais e poéticas do Brasil e da América Latina realizado pelo selo criado por Tita Parra, neta da icônica cantora chilena Violeta Parra (1917-1967). O selo também acaba de lançar o seu site, com a coletânea e todo o seu catálogo disponíveis.

A coletânea traz uma seleção cuidadosamente curada, reunindo artistas que celebram uma poesia profun-

Caro Petersen/Divulgação



Divulgação



Arthus Fochi:
‘a coletânea carrega uma poética simples e direta para o que pretende ser o selo, um lugar de encontro, de poesia’

damente ligada à terra e à cultura brasileira e latino-americana. Artistas do selo como Lucas Bezerra, Clarissa Bruns, Bernardo Valença, Pedro Paulo Junior, entre outros, aparecem ao lado de participações especiais como Juliana Linhares, Ilessi, Livia Nastrovski, Jaques Morelenbaum ao lado de artistas em ascensão.

Entre os destaques, uma música inédita de Arthus Fochi, “A Casa ao Lado” (uma interpretação sensível de “La Casa de Al Lado” de Fernando Cabrera), e para a participação especial de Socorro Lira com “Como el Amor”.

“A Coletânea é um marco de evolução do selo para o que pensei desde o início, ser um coletivo, ser um lugar de troca. A música que inicia a coletânea é uma música do Estevão Lobo, o refrão diz: ‘Hermanos, estamos juntos...’, depois segue elencando etnias numa ode ameríndia. Uma poética simples e direta para o que pretende ser o selo, um lugar de encontro, de poesia, e de um fazer musical que vem se perdendo nesta era de inteligência artificial e da música influenciada pela era da internet industrial e algorítmica”, reflete Arthus.

Fochi explica que a curadoria foi feita com base em uma correlação entre ritmos e significados poéticos e estéticos. Em um cenário musical marcado pelo individualismo e pela dispersão, o Cantores del Mundo busca ser um farol de colaboração e troca, desafiando os paradigmas da indústria fonográfica contemporânea.

“Cantos Del Mundo #01” pode ser conferido em www.cantoresdelmundo.com e em todas as plataformas de streaming.

Leonardo Elger/Divulgação



Conexão forte

Buscando visibilidade para mulheres e corpos disidentes na MPB, o EP “deuZONAS - vozes ferozes” começa a ser apresentado com “Emocionada”, de Bibi Bog, cantora que utiliza a música como forma de autoconhecimento. A artista carioca compôs sua primeira canção aos 14 anos, mesma época em que se apaixonou pela primeira vez por uma garota. “Emocionada” é uma música que fala sobre a emoção de conhecer alguém e ficar maluco com a pessoa ali, começar a pensar na vida com a pessoa depois do primeiro encontro, porque foi uma conexão forte”, conta Bibi.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

É para dançar

Pensando em rádios, playlists e festas, Ana Lua e a Funkalização lança uma nova versão do explosivo caldeirão sonoro “É Verão”. O single faz funk soul psicodélico com referência ao clássico “Summertime” e ao hit “Tá Tranquilo, Tá Favorável” do MC Bin Laden, além de um sample de Marcos Valle. “A música é uma versão moderna em português da clássica ‘Summertime’ interpretado por todos os grandes nomes da música mundial, desde 1935. Atualizamos as configurações temporais entre gerações”, explica Ana Lua.

Uly Nogueira



Divulgação



Novos rumos

“A Gente Não Combinava” é o novo single de Dalton, disponível em todas as plataformas. Conhecido como produtor, o carioca agora, embarca em uma nova jornada, como cantor. Definida como um pop trap romântico e baseada em fatos reais, a música fala sobre os desafios de se apaixonar por alguém que parece ser o oposto, mas que se torna a peça que faltava no quebra-cabeça. “Acho que todo mundo já teve um amor por alguém que não fazia sentido algum. E quando você resolve relaxar e tenta deixar fluir, quebrando dogmas e conceitos, pode dar certo”, filosofa.

ENTREVISTA / RODRIGO AREIAS, CINEASTA E PRODUTOR

‘Quanto mais específico um filme, mais possibilidade tem de existir em festivais de relevância’

José Caldeira/Divulgação



Parceiro frequente do cinema brasileiro, Areias ganha homenagem

na Argentina e de que modo o cinema à portuguesa que você faz chega por lá?

Sobre o cinema argentino, tenho acompanhado o que se faz mais no cinema independente, que é de uma vitalidade impressionante. De certa forma, esse é um cinema

que, à moda de todo o cinema de autor, hoje tem alguma dificuldade em penetração nos mercados estrangeiros. Mas à semelhança com o nosso cinema, quanto mais específico, mais possibilidade tem de existir em festivais internacionais de grande relevância, e maio-

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio do Mundo

Ganhador da Concha de Ouro do Festival de San Sebastián, em setembro passado, “O Corvo” é um dos muitos filmes premiados que puseram o currículo de produções do português Rodrigo Areias entre os mais respeitados de toda a Europa. Mas o prestígio de sua obra anfíbia (ele é cineasta também, e dos mais prolíficos) não se restringe ao Velho Mundo, a julgar pela decisão do Bafici, o Festival de Cinema Independente de Buenos Aires, em dedicar uma retrospectiva a ele em sua 25ª edição, agendada de 17 a 28 de abril. Seis títulos dirigidos por ele (que é um parceiro frequente de artistas brasileiros) estão na grade do evento argentino, que tem Javier Porta em sua equipe de coordenação curatorial: “1960” (2012); “Estrada de Palha” (2012); “Ornamento e Crime” (2015); “Vencidos da Vida” (2018); e dois longas-metragens finalizados este ano: “O Pior Homem de Londres” e “A Pedra Sonha Dar Flor”.

À frente da produtora Bando À Parte, Areias tem um lema, e dos mais ousados: “É melhor produzir maus filmes de boas pessoas do que bons filmes de pessoas más”. Na entrevista a seguir, ele explica ao Correio como separa o joio do trigo e como enxerga vitrines sul-americanas como espaços de intercâmbio comercial.

De que maneira festivais como o Bafici e a Mostra de SP te aproximam do que se passa na produção latino-americana e trazem novas hipóteses de investimento?

Rodrigo Areias: Festivais como o Bafici e a Mostra de São Paulo são importantes para mim enquanto realizador e produtor pois possibilitam a exportação dos nossos filmes em territórios importantes como são o Brasil e a Argentina. E dada a dimensão e importância desses festivais no panorama internacional, mas particularmente nos respectivos mercados nacionais, têm-nos possibilitado a distribuição comercial dos nossos filmes nesses países. Enquanto produtor, tenho coproduzido bastantes filmes brasileiros. Atualmente estou a produzir um filme do Helvécio Marins e do Felipe Bragança, o Eduardo Nunes e o Cao Hamburger. De argentinos, já produzi o Teddy Willimas e o Matias Piñeiro, e, como tal, são cinematografias de que estou próximo. Mas, sim, a minha presença nestes festivais potência essa relação de import/export...

O que sabe sobre o cinema que se faz

res possibilidades tem de ser estreado posteriormente em sala. Mesmo que numa escala reduzida, consegue ter espaço em sala comercial. Dessa forma, os nossos filmes têm teimado em ser estreados no mercado argentino, e esta retrospectiva da minha obra no Bafici será também essa porta de oportunidade para a estreia comercial na Argentina.

De que maneira os títulos que estão no Bafici desenham a tua imagem como criador, na tua anfíbia condição de cineasta e produtor?

Esta é uma mostra significativa de seis longas metragens, em que um é um filme compilação de curtas (“Vencidos da Vida”). A seleção inclui o western “Estrada de Palha” e o filme noir “Ornamento & Crime”. Tem “O Pior Homem de Londres”, que é uma produção de época também, e há o meu mais recente filme, “A Pedra Sonha Dar Flor”, que é um filme um pouco mais poético feito a partir de “A Morte do Palhaço” e de outros textos de Raúl Brandão; mas também inclui um filme ensaio que é o “1960”, feito a partir do diário de viagem do (arquiteto) Fernando Távora. Nesse sentido, não é uma retrospectiva completa, mas é bastante abrangente e eclética. De certa forma mostra mais o meu percurso enquanto realizador do que produtor.

Que filmes você tem pela frente para este ano?

Como realizador terminei agora uma série de cinco episódios sobre tradições orais europeias, onde estivemos a rodar em película super 8mm na Islândia, Lapônia, Ucrânia, Sardenha e Portugal. É uma série que talvez venha também a ter uma versão filme documental no futuro próximo... Estou também em processo de montagem de um documentário sobre (o escritor) William S. Burroughs a partir de arquivos dos anos 1970 e 80, que estou a corealizar com o meu amigo Aaron Brookner. Estou a preparar meu próximo longa de ficção, chamado “Balada de Prata”, um filme para rodar, entre outros locais, na Ucrânia. Como produtor, estamos em rodagem de vários filmes neste momento: uma nova ficção de Edgar Pêra; o novo filme de Lois Patiño; a longa de animação de David Doulet e Vasco Sá (também em coprodução com o Brasil); uma primeira obra de Latifa Said; outra primeira obra de Angelo Torres, para filmar em São Tomé e Príncipe, onde também estamos a rodar um documentário de Jorge Quintela, entre muitas outras coisas. Em termos de estreias este ano, teremos algumas também... Estaremos em Locarno com um filme bastante radical de Edgar Pêra, e outras coisas que ainda não se podem anunciar.

Cinema perto do coração selvagem

Estreia de 'A Paixão Segundo GH' reafirma o encanto do cinema brasileiro pela obra de Clarice Lispector

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Devoradas por leitores de vários cantos do mundo, em traduções da língua portuguesa, as páginas de Clarice Lispector (1920-1977) instigam (e inspiram) o cinema brasileiro desde a morte da escritora, que ganha as telas nacionais, a partir desta quinta-feira, com a estreia do aguardado "A Paixão Segundo GH".

É o filme de regresso do mais festejado diretor de TV do país, Luiz Fernando Carvalho, à tela grande, 23 anos depois de "Lavoura Arcaica" (2001), seu único longa-metragem até agora. Seu retorno comove plateias, sobretudo pelo esplendoroso desempenho de Maria Fernanda Cândido no papel de uma mulher de classe média que entra num turbilhão existencialista ao ver os restos de uma barata.

Haverá uma sessão especial do filme no Estação NET Gávea nesta quinta, às 19h30, com debate ao fim da sessão, mediado pela jornalista e apresentadora do Canal Brasil Simone Zuccolotto, com o realizador e a roteirista Melina Dalboni. Antes, às 18h, ela vai lançar o livro "Diário de um Filme" (Rocco), sobre os bastidores do processo. Será um evento cinéfilo, mas, também, literário, em celebração do legado de Clarice, que movimenta o audiovisual em outras latitudes.

Neste momento, a cineasta Nicole Algrant, sobrinha-neta da escritora, respeitada em especial por suas experiências documentais, assina a direção artística de uma produção com elenco estelar, atualmente em filmagem, que dá vida a diferentes textos de



Divulgação

Imagem de Clarice em 'A Descoberta do Mundo', na Amazon Prime

Divulgação

Divulgação



'O Livro dos Prazeres' está na grade da Globoplay

Clarice. Eunice Gutman filma "Mal-Estar De Um Anjo"; Taciana Oliveira encampa "Amor"; Maria Luiza Aboim adapta "Feliz Aniversário"; e Bárbara Kahane se ocupa de "Preciosidade". A própria Nicole dirige um segmento, baseado em "A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais".

Há 21 anos, Nicole concorreu no Festival de Brasília com um curta-metragem baseado na obra de sua tia-avó: "O Ovo", com Louise Cardoso, Carla Camurati e Chico Diaz, com narração feita por Maria Bethânia. Ela fez ainda com Louise "Clarice Lispector – De Corpo Inteiro", que pode ser visto em seu canal do YouTube: Tabocas Filmes.

Laureado com uma menção honrosa e o prêmio de Melhor atriz no 22º BAFICI, fes-



Cena de 'A Paixão Segundo GH' com Maria Fernanda Cândido

tival de Buenos Aires, "O Livro dos Prazeres", de Marcela Lordy (diretora de "Aluga-se"), é outra das recentes incursões da classe cinematográfica ao planeta Lispector. Pode ser visto hoje no Globoplay. Nele, a diretora promove uma sofisticada operação de "deslizamento" em seu corpo a corpo com a prosa homônima de Clarice. É um curso de roteiro de 1h40, na batida de um intensivão de escrita.

Chega a ser uma heresia aplicar o "reduzido" conceito de "adaptação" para definir o quão sofisticado é o diálogo estabelecido entre o script de Josefina Trotta e da própria Lordy e o livro "Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres", lançado por Clarice em 1969. Em ambos, o romance e o filme, conhecemos Loreley – professora chamada

Atomização da apatia burguesa

Nas raias da perfeição, o mergulho de Luiz Fernando Carvalho no livro "A Paixão Segundo GH" gera um dos movimentos mais politizados de sua obra autoral ao atomizar a ideia de burguesia não por uma refutação dela mas por um confronto frontal com seu vazio mais abissal.

Aromas de Luchino Visconti e seu "O Leopardo" (1963) perfumam a lavagem de roupa social proposta pelo diretor, de modo a devassar a calmaria daqueles que têm muito – na aparência – mas se posicionam com incerteza diante da essência... a essência do humano.

Para representar vários degraus de uma sociedade de classes sociais afastadas pelo jugo do capitalismo, Luiz Fernando dirige Maria Fernanda Cândido num jogral corporal inusitado para as formas de se atuar no país, a partir do qual ela constrói distintas personas, sendo muitas mulheres numa só, como um coral das forças femininas. O resultado: um espetáculo filmico indomável. (R.F.)

entre seus pares só de Lóri – pelo vácuo em seu peito, que a leva a se desgarrar de qualquer possível relação amorosa duradoura. Nós emotivos assustam a personagem esculpida com delicadeza por Simone Spoladore. O segundo personagem de peso da trama, o filósofo Ulisses, é confiado a Javier Drolas, astro de "Medianeras" (2011).

Quem assina a Amazon Prime tem a chance de poder se deliciar com "Clarice Lispector – A Descoberta do Mundo", no qual Taciana Oliveira investiga a autora de "A Maçã no Escuro" sob os mais variados prismas. É uma abordagem documental de timbres poéticos.

Vale lembrar que a versão da diretora Suzana Amaral (1932-2020) para "A Hora da Estrela", lançado em 1985 e aclamado no exterior (sobretudo pelo desempenho de Marcélia Cartaxo), foi recentemente remasterizada pelo Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

O estúdio da Biblioteca apoiou 200 gravações em 2023

Biblioteca Estadual abre seu estúdio para projetos culturais

A Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa está abrindo o Estúdio da Biblioteca Parque Estadual para cadastramento de propostas de utilização cultural em 2024. O espaço vai priorizar produções por segmentos em calendário trimestral. A chamada pública abre o calendário do estúdio que no ano passado realizou

mais de 200 gravações. Este ano as propostas deverão ser voltadas para gravação de podcasts, locuções, bandas, artistas solo, grupos musicais e produções fonográficas diversas. As inscrições para a chamada pública são feitas pelo link https://drive.google.com/drive/folders/1RD7fIFM1xzN4nu6J-D_-cPfYRsnKpqQ9Y

Legado de Clarice

O Capitu Café, que funciona onde foi a casa de Machado de Assis, no Cosme Velho, promove nesta quarta-feira (10) Sarau 'Mulher: Corpo, Fala e Escrita' com nove autoras cujos livros dialogam com a visão de humanidade de Clarice Lispector.

Dicas do Arnoldão

Filho caçula de Arnold Schwarzenegger, o ator Joseph Baena revela que era acima do peso na infância e se exercitar com o pai o deixou em forma: "Começamos a treinar juntos e ele mostrou os truques e como fazer o músculo crescer".

Vem por aí

No dia 17 de abril, o Paço Imperial inaugura três exposições individuais: "Transmutação: alquimia e resistência", da artista carioca Marcela Cantuária; "Davuls de Salé", do artista paulista no Cadu; e "bassa danza", do artista carioca Nathan Braga.

Tudo vira reggae

Lançado em junho de 2023, o álbum "Tudo Vira Reggae Ao Vivo", do Maneva, subiu 67 posições no Spotify, alcançando o cobiçado Top 100 dos discos mais populares do Brasil. O trabalho faz releituras reggae para canções de diversos estilos.



O ator e diretor Woody Allen em sua passagem pelo Festival de Veneza

'Não quero sair pra levantar dinheiro'

Woody Allen revela ter novos projetos para filmar, mas diz que captação de financiamento lhe traz dor de cabeça



Divulgação

'Coup de Chance', o mais recente filme de Woody Allen, foi lançado no ano passado em Veneza

Aos 88 anos, Woody Allen revela estar se sentindo indeciso sobre a possibilidade de fazer novos filmes. Para

o diretor, tudo dependerá se ele encontrar alguém para financiar a sua ideia. A declaração foi dada em uma entrevista à revista Air Mail. "Não quero sair para levantar

dinheiro. Acho isso uma dor de cabeça. Mas se alguém aparecer, me ligar e disser que quer bancar o filme, então eu consideraria seriamente. Provavelmente não teria força de vontade para dizer não, porque tenho muitas ideias", afirmou.

No ano passado, Woody Allen lançou "Coup de Chance", seu 50º filme, no Festival de Veneza. Primeiro filme seu todo falado em francês, "Coup de Chance" foi mais uma produção feita inteiramente na Europa.

Há dez anos, desde que ressurgiram as denúncias de abuso sexual contra ele, o cineasta tem tido dificuldades para encontrar financiamento, nos Estados Unidos, para realizar os seus filmes.

"Não me importo se tenho distribuição aqui ou não. Depois que faço [um filme], não acompanho mais. A distribuição não é mais como era", comentou o cineasta ao ser indagado sobre suas expectativas para o lançamento de "Coup de Chance" nos Estados Unidos.

"Agora a distribuição é de duas semanas no cinema. Todo o negócio mudou, e não foi de uma forma atraente. Todo o romance do cinema desapareceu", lamentou.

Há dois anos, Woody Allen comentou a possibilidade de largar o cinema para se dedicar apenas à literatura, o que acabou não se confirmando.

Espectáculo de Simone Kalil une o cotidiano ao sagrado para refletir sobre o impacto do tempo na vida contemporânea

Contemplada pelo Sesc Pulsar, a peça “Têmpora” aborda temas como ancestralidade, relações familiares, tecnologia e o eterno ciclo da vida, trazendo à cena o cotidiano de uma família que está vivenciando um momento delicado, propiciando uma perspectiva contemporânea e paralelamente sagrada sobre o impacto do tempo em suas vidas. Sob direção, texto e idealização de Simone Kalil, a peça está em cartaz no Teatro 2 do Sesc Tijuca.

Em “Têmpora”, acompanha-se a convivência de três irmãos — uma cientista, um filósofo e um terapeuta holístico — que estão em um ponto crítico de suas vidas, lidando com a mãe com um quadro de alzheimer em quarto, em outro cômodo a esposa da cientista dando a luz em um parto humanizado que dura 24h. Enquanto os irmãos dialogam, a presença de Iroko, o Orixá do Tempo, simbolizando ancestralidade e continuidade, permeia a narrativa — a figura de Tempo, que também é Deus, é interpretada por uma mulher negra que vai rejuvenescendo e que compartilha o espaço cênico com os outros personagens, mas por meio de uma outra dimensão, trazendo sabedoria através de provérbios africanos.

A leitura da obra “Performance do Tempo Espiral” de Leda Maria Martins que motivou a criação do espetáculo, usando-se conceitos elaborados pela escritora, como corpo tela e a espiralidade do tempo e dos



Em “Têmpora”, acompanha-se a convivência de três irmãos — uma cientista, um filósofo e um terapeuta holístico — que estão em um ponto crítico de suas vidas, lidando com a mãe com um quadro de alzheimer

Reflexões sobre família, tempo e ancestralidade

corpos em cena. Já a montagem explora a complexidade das relações humanas e o eterno ciclo da vida através de um enredo que desafia a linearidade temporal.

Em “Têmpora” há um diálogo dinâmico entre o texto e a performance, como Jefferson Almeida destaca. “Parte do texto é composta por reflexões que desenvolvemos na sala de ensaio, a partir do tema principal; nossas falas foram transmitidas aos personagens em um processo que se aproxima do que se costuma chamar de ‘processo colaborati-

vo’, um tipo de criação na qual o texto já nasce íntimo de quem fala uma vez que ecoa as vozes reais. É um tipo de processo no qual atores, direção, dramaturgia... em que esses limites são borrados, em que as funções se interpenetram”, explica.

Para Ney Madeira e Dani Vidal, Têmpora foi um exercício de síntese. “Na primeira leitura do texto foi difícil imaginar um conceito que refletisse o despojamento da cena, mas a ida ao primeiro ensaio nos trouxe a água como elemento do figurino. A

água que dá vida e que resseca com o tempo”, ressalta. A metáfora foi traduzida de forma literal no conceito de “corpo tela”, no uso da água para aderir os figurinos aos corpos dos atores. O figurino da personagem Tempo faz alusão ao orixá Iroko, na utilização de crochê de palha em sua composição.

O espetáculo traz questões atuais, como os efeitos da tecnologia nas relações e na vida, além da ansiedade induzida pela sociedade acelerada. No entanto, apesar de sua densidade temá-

tica, a peça é feita com humor, refletindo a vida cotidiana, um texto realista, dentro de uma estética não realista. É através de uma abordagem cotidiana, entrelaçada com um humor sarcástico, que “Têmpora” convida o público a refletir sobre a condição humana moderna, espelhando-se nas experiências dos personagens e na ancestralidade. “É possível se reconhecer na relação entre os irmãos e paralelamente a isso, há a figura onipresente do Orixá do Tempo, nos fazendo refletir sobre a sabedoria ancestral, o significado de família e a influência do tempo na humanidade”, conclui Simone Kalil.

SERVIÇO

TÊMPORA

Teatro 2 Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)
Até 28/4, de quinta a sábado (19h) domingos (18)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e gratuito (PCD)

Maquiadora
Letícia Gomes 'se
transforma' em
celebridades e
conquista famosos
na internet

A mulher de múltiplas faces

Reprodução Instagram

Por **Leonardo Volpato** (Folhapress)

Quem vê a maquiadora Letícia Gomes, 29, 'virar' Luan Santana não imagina o trabalho que dá. A profissional, que tem se tornado a queridinha dos famosos na internet, conta que todo o processo de caracterização, do início da pintura à edição do vídeo final, demora cerca de um dia inteiro.

Em seu perfil no Instagram, a paulista já acumula quase 5 milhões de seguidores e centenas de elogios por suas transformações faciais em celebridades.

"Estudo o personagem, assisto a vídeos, separo áudio, crio um roteiro, faço dublagem, coloco falas e ainda mostro todo o processo da maquiagem até ficar com o rosto igual ao da pessoa homenageada. Tudo isso sem ajuda", conta ela ao F5.

O resultado muitas vezes impressiona —tanto que nomes como Ana Castela, Ivete Sangalo e Maraisa se renderam ao talento da maquiadora, compartilhando o resultado das caracterização em suas redes. "Não esperava que pessoas que admiro tanto se sentissem honradas por mim. Parece até mentira", comemora.

Foi em 2015 que Letícia decidiu viver da maquiagem. Era uma paixão desde criança, mas na hora de escolher que curso fazer, optou por Administração e Design de Moda. Não concluiu nenhuma das duas faculdades, e após uma pesquisa, tomou conhecimento de uma maquiadora italiana que se transformava em quem ela quisesse. Touché.

"Minha primeira transformação foi em Jack Sparrow [do filme 'Piratas do Caribe']". Mas naquela época eu só postava a foto. Em 2017, resolvi começar a criar conteúdo em cima desse trabalho e deu certo. Hoje vivo só disso e ganho dinheiro também com publicidades", afirma a profissional.

Ela conta que a incerteza faz parte de sua rotina no trabalho: o resultado pode ficar ótimo ou, após horas e horas, ser um fiasco. Se isso acontece, é hora de lavar o rosto e partir para a próxima. "Se ficar



A maquiadora Letícia Gomes (no alto à esquerda) leva um dia inteiro para fazer a caracterização de personalidades e posta o resultado em suas redes sociais que já alcançam 5 milhões de seguidores

ruim, perco um dia inteiro".

Na maioria das vezes, dá tudo certo. "Os produtos que uso são do dia a dia, de maquiagem social, porque a ideia é trazer essa ilusão de luz e sombra. Uso muito contorno e iluminação exagerados para trazer a sensação de rosto transformado", explica.

Segundo Letícia, é possível se transformar em qualquer pessoa, até mesmo em homens, como já provou ao "virar"

Leonardo DiCaprio e Luan Santana. Mas há celebridades mais difíceis, como Anitta, que ela revela já ter tentado umas quatro vezes. Em vão.

"Sinto que preciso estar inspirada, colocar peruca, lente, acessórios, e a cereja do bolo é incorporar o personagem", avalia. "Levo em consideração o que os fãs me pedem", emenda a profissional, que posta um novo rosto conhecido por semana em seu Instagram.

Ela conta que evita se transformar em celebridades negras devido à preocupação com o "blackface" —ou seja, o ato de pintar o rosto com tinta escura, o que pode ser considerado ofensivo e racista.

"Fico bem receosa com essa questão. Muita gente me pergunta sobre o motivo de eu não fazer. Já aconteceu de 'virar' o Hugo Gloss e o Cafú, mas agora evito. Minha intenção é homenagear, longe de mim entrar em polêmica", afirma.